GEOGRAFIA E IMAGENS FOTOGRÁFICAS: APROXIMAÇÕES ENTRE LINGUAGENS

GEOGRAPHY AND PHOTOGRAPHIC IMAGES: APPROACHES BETWEEN LANGUAGES

GEOGRAFÍA Y IMÁGENS FOTOGRÁFICOS: APROXIMACIONES ENTRE LENGUAJES

AILCLÉCIA FERNANDES SILVA
Professora de Geografia do Ensino Básico de São Paulo
lk_afs@hotmail.com

ROSA CERAROLS RAMÍREZ
Doctora en Geografía por la UAB.
Profesora en el Departamento de Humanidades de la Universitat Pompeu Fabra (UPF).
rosa.cerarols@upf.edu

RESUMO: Vivemos atualmente em um mundo cada vez mais imagético, onde as imagens são utilizadas como linguagem não verbal para os mais diversos interesses. Considerando a facilidade de se obter uma fotografia e os muitos sentidos que nela podemos encontrar, entendemos que essa linguagem pode ser um meio de ler o espaço geográfico, apresentando-se como texto e não apenas como ilustração para o ensino de geografia. Sendo assim, este trabalho visa experimentar uma aproximação entre linguagem artística fotográfica e linguagem cientifica geográfica, observando como diferentes grupos com faixas etárias distintas leem o espaço geográfico através de fotografias. Tendo como foco o ambiente escolar, temos em vista a necessidade de se trabalhar os diversos meios imagéticos que estão cada vez mais presentes nos materiais didáticos do ensino de geografia. Apresentamos então, como proposta, uma experimentação em que alunos do ensino fundamental e médio irão fotografar aquilo que para eles representa a cidade. A análise será realizada observando possíveis diferenças e/ou aspectos comuns nas fotografias de acordo com a faixa etária dos grupos de alunos, procurando descobrir como o espaço geográfico vem sendo lido pelos alunos através de imagens e como esta experimentação pode contribuir no ensino básico da disciplina de geografia.

Palavras chave: Geografia. Linguagens. Fotografia.

ABSTRACT: Currently we live in an increasingly imagery world, where images are used as non-verbal language for several interests. Considering the facility of obtaining a photograph and the manifold senses that it can find, we understand that this language can be a

means to read the geographical space, introducing it as a text not just like illustration to the geography teaching. Therefore this work aims to experience an approach between the artistic photograph language and the geographical scientific language, watching how different groups with different ages read the geographical space through the photographs. Focusing the school environment, we have in mind the need to work the many imagery ways that are increasingly present in textbooks of geography teaching. Here then, as proposed, a trial in which elementary school students and secondary education will shoot what for them is the city. The analysis will be performed noting possible differences and/or common aspects in photographs according with the age groups of students, searching to find out how the geographical space is been read by the students through the images and how this experimentation can contribute in the basic teaching of geography discipline.

Keywords: Geography, Languages, Photography.

RESUMEN: Actualmente vivimos en un mundo muy visual, donde se utilizan imágenes como el lenguaje no verbal para diferentes intereses. Teniendo en cuenta la facilidad de conseguir una fotografía y las muchas maneras en que se puede encontrar otros significados de sus imagenes, entender que este lenguaje puede ser un medio de lectura del espacio geográfico y no sólo como ilustración para la enseñanza de la geografia. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo tratar un acercamiento entre lenguaje fotográfico artístico y lenguaje científico geográfica, la observación de cómo los diferentes grupos con diferentes edades puden ler el espacio geográfico a través de fotografias. Centrándose en el entorno escolar, que tenemos en mente la necesidad de trabajar con los distintos medios pictóricos que son cada vez más presente en los manuales de enseñanza de la geografia. He aquí, pues, se propone mejor compreender cómo es la ciudad para los estudiantes. El análisis se llevará por la observación de las posibles diferencias y / o aspectos comunes en las fotografías de acuerdo con el grupo de edad de los estudiantes, tratando de descubrir cómo el espacio geográfico está siendo leído a través de imágenes y cómo este proceso puede contribuir a la educación básica de la geografia.

Palabras clave: Geografía, Lenguaje, Fotografía

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apesar das diferenças culturais entre as autoras, este artigo é fruto do encontro entre o projeto de pesquisa "Geografia e Imagens Fotográficas: aproximações entre linguagens para o ensino", desenvolvido por uma das autoras, com os estudos sobre imagens e geografia desenvolvido pela outra autora.

Outras diferenças se acumulam, pois uma autora está iniciando no universo da pesquisa acadêmica, dando seus primeiros passos como professora de geografia do ensino básico no Brasil, e a outra atuar já a algum tempo como professora num centro universitário da Catalunha (Espanha); apesar disso tudo, há elementos que nos aproximam. O comum entre ambas é o teor das preocupações que nos instingam a pesquisar determinados temas,

assim como os referenciais teóricos, de maneira que a nossa participação na Rede Imagens, Geografias e Educação permitiu o encontro e a possibilidade de exercitarmos reflexões sobre a linguagem geográfica a partir de experimentos realizados com a linguagem fotográfica numa escola do interior do Brasil.

A referida Rede congrega um conjunto de pesquisadores e professores do ensino básico e superior de várias cidades brasileiras e estrangeiras[1], tendo como foco de suas investigações e experimentações a relação entre a linguagem científica da geografia com a linguagem artística das imagens, sejam elas cinematográficas, pictóricas, cartográficas ou fotográficas. O encontro dessas linguagens se desdobra em pesquisas, desde iniciação científica até de pós-doutorado, passando por cursos de capacitação de professores, estágios de licenciaturas, elaboração de vídeos e instalações artísticas.

É no contexto dessa Rede que o Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas propiciou o desenvolvimento da pesquisa aqui apontada e o encontro da autora responsável pela mesma com a pesquisadora catalã, que se envolveu nas discussões as quais tornaram possíveis as análises aqui apresentadas. Feitos esses esclarecimentos, passemos para o que interessa.

APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS

Como autoras deste artigo, percebemos nos motivos que levaram adentrar o universo da fotografia uma identificação de interesses muito próximos. As experiências infantis que nós trilhamos quando, em nossos respectivos lares - um no interior da Catalunha (Espanha), o outro no interior de São Paulo (Brasil) - ouvíamos os relatos e narrativas vivenciadas por familiares mais velhos a partir de fotografias antigas, as quais os instigavam a lembranças de tempos passados.

Crescemos ouvindo histórias dessas vidas registradas e fixadas nas imagens fotográficas; eram relatos de aventuras e curiosidades vivenciadas por parentes e conhecidos da família que registravam e, ao mesmo tempo, expressavam toda uma historicidade particular, mas que se relacionava com os fatos maiores ocorridos no contexto espacial e temporal de nossos países. A partir desses "causos" contados na intimidade das reuniões familiares, geralmente nas salas de casa, criávamos imagens sobre aquelas andanças, encontros amorosos, tragédias e perdas, verdadeiros filmes a partir das narrativas e registros imagéticos dos "tempos de outrora"; nossa imaginação voava conforme as narrativas se desenrolavam, criando um outro mundo, que ampliava o sentido de realidade então restrita aos fatos em si, imaginando como as pessoas viviam e como seus relatos caminhavam, juntamente com as mudanças no mundo, até o momento em que nos encontrávamos.

Aquelas fotografias, juntamente com os relatos a elas inerentemente relacionados, instigavam-nos a uma viagem no tempo e, algo que sempre encantava, apontava para outros sentidos do espaço que então se instauravam em nós, em nossas lembranças e perspectivas

[1]Mais detalhes sobre a Rede Imagens, Geografias e Educação em http://www.geoimagens.net/

de vida. Um dos aspectos que essas imagens e relatos acabaram por influenciar a nossa realidade, foi exatamente o desembocar em questionamentos, e estes nos instigaram o desejo de fazer trabalhos científicos que de alguma maneira pudessem "contar histórias" a partir de outras imagens fotográficas.

Foram essas experiências muitos semelhantes que nos levaram, em certo momento da vida, com o contato com o ambiente escolar e atuação em sala de aula, a observar que as imagens fotográficas poderiam expressar outras formas de se pensar e apresentar sentidos geográficos, de maneira a instigar alunos e professores de geografia a produzirem pensamentos espaciais que não só ilustrassem um conteúdo já dado, mas instaurassem outros sentidos e sensações a partir de outras perspectivas de se olhar o mundo pela fotografia.

Foi a partir de nosso encontro no interior da Rede Imagens Geografias e Educação, em decorrência das atividades que realizamos em nossos polos de trabalho e estudo, pensando no coletivo do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), e em seu vínculo com a referida Rede, começamos a rascunhar um caminho possível para desenvolver pesquisas que articulassem histórias de vida, ensino de geografia e imagens fotográficas. Esse rascunho se desdobrou na pesquisa já citada e neste artigo, o qual visa abordar fotografias como linguagem capaz de contar histórias coberta de intencionalidades e múltiplos sentidos em aberto.

> (...) uma imagem congelada no recorte de fotografia para nós que olhamos é um lugar desconhecido, uma paisagem, todavia para o povo desse local essa paisagem é o lugar deles, onde há a história de cada um, as vivências estão por toda a parte desse lugar. Nesse espaço ocorrem relações sociais diferentes para interpretações diversas. Enquanto tentamos descobrir o que a imagem quer dizer, para quem a conhece tal reconhecimento é instantâneo. Por isso, as fotos são plurais, cada olhar sobre elas levanta diversas possibilidades de entendimento (COSTA, 2014, p 12).

Entende-se aqui a linguagem da fotografia por esta perspectiva, o desafio se colocou na interação dessa linguagem com a da geografia. Isso cobrou leituras e reflexões na direção de pontuar melhor as possibilidades desse encontro. E foi exatamente em Costa (2014) que identificamos um caminho possível.

> (...) há geografias nas diferentes linguagens, o mundo que conhecemos atualmente é de imagens, as relações sociais estão refletidas nas mais variadas formas de linguagens para serem lidas, discutidas. As imagens carregam em si elementos que potencializam o aprendizado do espaço geográfico. Uma fotografia é carregada de significados a espera de leituras do espaço geográfico. (COSTA, 2014, p 14).

A possibilidade, portanto, de contato entre a linguagem científica da geografia e a linguagem artística da fotografia aí se colocou, mas por uma perspectiva de leitura de espaço que apontava para outros caminhos, não mais se restringindo a ser um elemento geográfico entendido como um plano sobre o qual as coisas se depositavam, se distribuíam e se localizavam. A fotografia, ao registrar em imagens os fenômenos em sua dinâmica espacial, potencializava outra perspectiva, ou seja, de um espaço que, aparentemente fixo no enquadramento fotográfico, cobrava uma leitura a partir dos elementos que estavam de fora

dos ali registrados (FERRAZ, NUNES, 2012), de fenômenos localizados em outros locais e com outras formas escalares, os quais deviam ser agenciados por aqueles que liam o registro fotográfico de maneira a estabelecer o sentido mais dinâmico e complexo da espacialidade manifesta pelas fotografias.

O passo a seguir foi exatamente perceber essa possibilidade de leitura a partir do que os alunos registravam do lugar em que eles viviam. Tal encaminhamento, portanto, passou a ser a tentativa de experimentar o registro fotográfico de uma cidade (Presidente Prudente[2], SP), mas não para ilustrar o conceito de urbano já estabelecido pelo discurso científico, e sim rasurar esse entendimento hegemônico a partir de como as histórias experimentadas pelos alunos, decorrentes dos relatos e vivências próprias naquela cidade, repercutiam no imaginário espacial desses jovens e, potencialmente, se desdobravam nas imagens fotográficas por eles criadas da cidade.

Nosso objetivo aqui, portanto, é tentar melhor pontuar como entendemos essas possibilidades de trabalhar com os alunos a produção de uma geografia a partir de imagens fotográficas, as quais expressam a articulação do discurso científico da geografia, trabalhado em sala de aula, com os discursos e narrativas da cidade a partir das imagens fotográficas por eles registradas e analisadas.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PESQUISA

Este artigo, como já foi anteriormente apontado, é o desdobrar das atividades desenvolvidas no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), no contexto da Rede Imagens, Geografias e Educação, notadamente na direção de se pensar outras possibilidades para a linguagem científica da geografia a partir do encontro com as linguagens artísticas (imagéticas). Tal encontro é o instigador para se experimentar e exercitar outros pensamentos e perspectivas geográficas, principalmente para uma melhor qualificação do trabalho do professor no ensino básico. A partir disso, tendo como campo de ação as escolas localizadas na cidade de Presidente Prudente, desenvolvemos estudos que possibilitem perscrutar como os alunos percebem a cidade, daí o uso de fotografias a serem por eles tiradas, visando expressarem suas perspectivas da cidade.

O trabalho foi sendo desenvolvido em etapas. A primeira se restringiu a levantamento bibliográfico e análise de textos que discutam o tema da geografia articulada a fotografias, focando tanto nos processos estruturadores da linguagem fotográfica, quanto as potências dessa linguagem para se pensar outros sentidos para ideia de paisagem urbana. Em seguida, trabalhamos com alunos do ensino fundamental II e médio (entre 10 e 20 anos), de escolas públicas conveniadas com o GPLG. A orientação é deles fotografarem livremente a cidade, tendo apenas como meta expressarem como entendem a identidade do lugar Presidente Prudente. Por fim, realizamos a análise sobre os resultados, verificando aspectos geográficos

[2] Como a pesquisa que possibilitou este artigo ser o trabalho desenvolvido por uma das autoras, a qual estuda e trabalha na cidade de Presidente Prudente, essa foi a cidade eleita para efetivar as experimentações e análises aqui abordadas.

nos registros imagéticos, ou seja, buscamos identificar as diferenças na análise feita pelos diversos grupos etários, assim como os elementos comuns que esses diferentes alunos pontuaram como o sentido territorial da cidade.

Cremos que nossa pesquisa é uma experimentação, portanto, não é apenas a aplicação de uma metodologia visando criar uma cartilha ou texto modelo de como e em qual momento se deve trabalhar fotografia em sala de aula. Nossa intenção é permitir que os registros fotográficos dos alunos nos instiguem a pensar outras possibilidades para ler a espacialidade urbana, de maneira que os professores possam exercitar suas habilidades intelectuais e procedimentais na melhor capacitação e domínio da linguagem geográfica, permitindo uma abertura para as formas como os alunos veem sua cidade, assim como, a partir dessas formas, permitir que o professor elabore as maneiras que entenda mais adequada de se trabalhar determinado conteúdo geográfico com seus alunos.

APONTAMENTOS SOBRE FOTOGRAFIA E GEOGRAFIA

Iniciemos com Douglas Santos (2007) quando aponta para o sentido da geografia como uma linguagem imersa nas condições de sobrevivência cotidiana. Linguagem articulada por palavras e imagens; assim como um conjunto de palavras, ordenado em seu referencial de leitura espacial, permite estabelecer significado e mensagem, também podemos conceber por meio de imagens, organizadas em seu alfabeto de linhas e formas, cores e texturas, luz e sombras, composição e distribuição das formas etc. (DONDIS, 1997), os sentidos espaciais passíveis de leituras e entendimento geográfico.

O fotógrafo e pesquisador da arte fotográfico Stephen Shore, ao apresentar os elementos estruturadores da linguagem fotográfica, acaba por expressar o forte vínculo entre os elementos espaciais dos fenômenos a serem fotografados com as motivações que levam o fotógrafo a fotografar algo no mundo.

> A fotografia é, essencialmente, uma atividade analítica [...] parte da desordem do mundo e seleciona uma imagem. Diante de casas, ruas, pessoas, árvores e objetos de uma cultura, um fotógrafo impõe uma ordem à cena – simplifica a desorganização ao lhe dar uma estrutura. Ele impõe essa ordem escolhendo o ponto de observação, o enquadramento, o momento de exposição e selecionando um plano focal (SHORE, 2014, p. 37).

A intencionalidade do fotógrafo é a mesma do geógrafo, qual seja, tentar estabelecer um sentido possível de compreensão ao caos percebido/vivenciado, tentar se orientar e se localizar no mundo a partir do lugar em que se encontra (FERRAZ, 2011), para tal, estabelece referenciais de leitura dos fenômenos de maneira a possibilitar "uma ordem à cena" percebida.

Essa forma de composição de sentidos, a partir das imagens fotográficas, se complementa com os referenciais articulados pelas palavras, o que Douglas Santos (2007) define como "linguagem geográfica". Dessa feita, a geografia, como todo conhecimento artístico ou

científico, é resultado do agenciamento de outros saberes e linguagens, o que nos permite identificar a relação entre a forma espacial dos fenômenos, o seu processo e lugar de acontecimento, assim como seus sentidos passíveis de significação (denominação, descrição e expressão).

Sendo assim, podemos observar que, de acordo com o referencial teórico, a linguagem fotográfica pode ser entendida como registro imagético da forma espacial dos fenômenos, ou seja, dos fenômenos como e nos lugares em que eles acontecem, possibilitando assim ser entendida como meio de se pensar e construir geografias.

> Mesmo sendo um objeto produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, a fotografia possui uma força outra: efetua, em sua superficialidade, em seu silêncio, em dizeres balbuciantes, em tênues expressões e deixa um potente espaço vazio para sentidos não determinados [...] trazem o acaso e nos remetem a uma nova cidade. Cidade desvelada pela fotografia que transforma e alimenta *saberes.* Fotografar é desvelar a sua relação com o mundo, com o conhecimento (MARQUES, 2012, p. 162).

Deste modo, não podemos deixar de observar que vivemos hoje em um mundo cada vez mais imagético, onde as imagens são utilizadas como linguagens não verbais, para os mais diversos interesses. A fotografia está presente entre essas linguagens, e devido aos diferentes recursos tecnológicos hoje existentes, considerando a facilidade de obtê-los, pode intervir em sua edição e reproduzi-la na rede de computadores; temos na imagem fotográfica uma potência enorme de articulação de sentidos espaciais, já que registrar um fenômeno é sempre o registro de um instante da forma espacial do mesmo. Aí identificamos a força da fotografia na leitura geográfica do mundo.

> A centralidade adquirida pela visualidade está provocando uma alteração significativa no predomínio que a cultura ocidental estava acostumada a atribuir ao verbal. A crença na palavra como a forma mais elevada da prática intelectual, cuja conseqüência principal foi a de relegar a representação visual ao âmbito de um conhecimento de segundo grau, está sendo colocada em xeque a todo o momento. (FABRIS, 2007, p. 1).

As imagens fotográficas revelam apenas um momento de um acontecimento no espaço geográfico, sendo assim, a fotografia não abarca o todo da realidade, o fotógrafo delimita a imagem do fenômeno com o enquadramento da cena escolhida e o tema/objetivo a ser focado, mostrando aquilo que o interessa, portanto, a fotografia não é neutra, é carregada de intencionalidades do seu autor que busca por resultados intencionais (ARRUDA, 2010).

Essas intencionalidades ultrapassam o que o autor quis registrar, pois o contato com os inúmeros leitores faz com que cada fotografia seja recriada de sentidos, em acordo com as condições espaciais em que se dá o encontro observador/imagem fotográfica. Isso aponta para o aspecto plural, múltiplo e nômade que cada fotografia carrega em si. Portanto, além do caráter testemunhal da fotografia, que mostra um fato, um acontecimento, uma verdade, ela carrega em si elementos outros, de fora do ali registrado, rasurando a fixidez e imobilidade do tempo em direção a uma dinâmica espacial outra, diferente.

> Construída ou tomada no calor da hora, a fotografia é vista pela sociedade como a evidência do que aconteceu no momento em que o operador voltou sua câmara para um determinado referente. O caráter testemunhal da fotografia, (...) parece fornecer uma âncora a uma sociedade que não consegue romper de vez com a materialidade do mundo. Cabe aos estudiosos analisar os paradoxos e as contradições embutidos numa imagem quase imaterial, mas dotada de uma materialidade inequívoca aos olhos da maior parte das pessoas. (FABRIS, 2007, p. 1).

Para compreender as fotografias, devemos observá-las como imagens que partem do real, entretanto, que não significa necessariamente a realidade em si, fixada e acabada, pois ao analisarmos, estamos de frente com outras potencialidades de sentidos de realidade, como nas histórias narradas em nossa infância pelos mais velhos, as fotografias ali nos instigavam a ver o movimento e o desenrolar daquelas narrativas, instaurando outros sentidos e movimentos daqueles fenômenos ali aparentemente imobilizados em seus registros imagéticos. Portanto, para ser lida, a imagem fotográfica deve ser desconstruída e submetida a um exame crítico, pensando como foi construída e as diversas interpretações que ela pode carregar.

Kossoy (2002) afirma que a realidade instaurada pela fotografia vai além da realidade na foto registrada, cobrando assim uma necessária análise e interpretação.

> A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida [...] uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado (KOSSOY, 2002, p. 22).

Esse elo tempo/espaço representado entre a realidade registrada e a realidade produzida por tudo aquilo que está oculto ou de fora do enquadrado no campo fotográfico é a potência geográfica a ser vasculhada no encontro com a fotografia.

> Quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação, adapta-se a esquemas de classificação e de armazenagem [...]. As fotos fazem mais do que redefinir a natureza da experiência comum (gente, coisas, fatos, tudo o que vemos...) e acrescentar uma vasta quantidade de materiais que nunca chegamos a ver. A realidade como tal é redefinida (SONTAG, 2004, p. 173).

Essa força da fotografia em redefinir a realidade percebida e pensada no imediato é que instiga a geografia fazer dela não um mero registro dos fenômenos dito geográficos, mas uma linguagem que instigue ir além do já instituído e estabelecido como espaço geográfico. A fotografia assim deixa de ser mera ilustração imagética de conceitos e termos presentes em livros didáticos e manuais de geografia e passa a ser uma potencializadora de novos pensamentos e sensações espaciais.

Abre-se para a geografia um campo imenso de novas perspectivas de pensamento e ensino. De acordo com Costa, as fotografias:

> [...] as fotografias são produtos de criação/construção de seus autores. Para serem transformadas em linguagens para o ensino de Geografia, as reflexões são fundamentais para romper as barreiras e mergulhar nos segredos, desconstruindo e reconstruindo, dando significados de linguagens geográficas (COSTA, 2014, p.18).

Pensar sobre a espacialidade dos fenômenos não é algo restrito a academia ou a livros escritos por especialistas pesquisadores em geografia. O pensamento sobre o espaço geográfico está além dos centros de ensino e pesquisa de nível superior, pois se apresenta imerso a diversas práticas sociais (SANTOS, 2007). Dentre as práticas cotidianas que possibilitam exercitar pensamentos geográficos, identificamos o ato de fotografar, observando que, a leitura de fotografias é realizada de acordo com o conhecimento adquirido, a experiência e a intencionalidade do leitor, portanto, como criação coletiva de sentido espacial a partir das condições temporais e espaciais com que os grupos humanos registram e/ou interpretam suas imagens fotográficas (KOSSOY, 2002).

Segundo Douglas Santos (2007), quando utilizamos o "discurso geográfico", estamos afirmando que há uma dimensão espacial passível de ser qualificada nos mais diversos fenômenos. Tal dimensão espacial é o que identificamos na potência dos registros fotográficos; o desafio é instigar os professores de geografia para exercitarem habilidades de observação e análise, para saberem explorar a força espacial dos fenômenos registrados na imagem fotográfica.

A imagem fotográfica é uma linguagem específica que atua simultaneamente no campo do inteligível e do sensível, fornece um leque de informações em diversos campos do conhecimento, as quais o pesquisador pode utilizar-se para reconstituir e interpretar determinada realidade social (ARRUDA, 2010). Assim, ao tratarmos as imagens fotográficas nesse trabalho como linguagem não verbal, queremos demonstrar que podemos ler e escrever pelas e com as fotografias e não apenas ler e escrever sobre elas.

OUTRAS GEOGRAFIAS A PARTIR DE UM EXEMPLO FOTOGRÁFICO

Como a maioria dos alunos vive cotidianamente em meio a um turbilhão de imagens, a escola precisa se atualizar para melhor preparar seus professores no trabalho com as mesmas, de maneira que os alunos possam analisar e criticar os usos e sentidos políticos e espaciais desse mundo imagético, além de poderem participar ativamente do processo de construção do conhecimento (FERRAZ, 2011). Essa é a conclusão fundamental que nossa pesquisa até agora identificou quanto ao desafio de se abordar a força estética e mercadológica da imagem fotográfica.

A demanda que encontramos hoje no ambiente escolar, quanto a necessidade de abordar as imagens, para experimentar outros processos de análise e interpretação de sentidos é inquestionável. A maioria, por exemplo, dos livros didáticos e apostilas escolares estão cobertos por imagens, mas estas se restringem a ilustrar determinado conteúdo. Não se exercita a força dessas enquanto função delimitadora de um imaginário sobre os problemas

abordados, ou ocultados pelos conteúdos e informações a serem trabalhadas por esse material escolar (FERRAZ, NUNES, 2012).

Há há um déficit na leitura de imagens, seja pela dificuldade encontrada pelos alunos, como pelo fato dos professores não terem sido exercitados no trabalho com as mesmas, o que leva as imagens muitas vezes passarem despercebidas, pois são consideradas meras ilustrações e não uma linguagem não verbal, importante de ser lida e trabalhada em sala de aula, possibilitando contribuir com as situações de ensino-aprendizagem da disciplina, no nosso caso de geografia

Conforme mostra Costa:

> As fotografias são textos não verbais carregadas de informações potencializadoras e ainda pouco exploradas como meios de conhecimentos geográficos nas salas de aulas. Trazer para as salas de aulas as linguagens não verbais através dos conhecimentos dos alunos para aprender sobre o espaço geográfico pode ser a "chave" para aprender Geografia. (COSTA, 2014, p.20).

Diante dessa afirmação, vamos fazer uso de um exemplo que aponta referenciais ao que estamos apontando com este artigo a partir da pesquisa desenvolvida por uma das autoras. Observemos as duas imagens a seguir.

IMAGEM I - Pátio da escola em reforma. Título dado pelos alunos: Livros sem destino



Fonte: Alunos do ensino fundamental de Presidente Prudente

IMAGEM II - Pátio da escola. Título dado pelos alunos: Organização dos livros



Fonte: Alunos do ensino fundamental de Presidente Prudente

Essas duas fotos foram tiradas pelos alunos no contexto da pesquisa desenvolvida. Eles tiraram e escolheram os títulos das mesmas. A relação entre ambas apresenta toda complexidade e tensões do trabalho com imagens no interior da escola, de maneira que tal trabalho caminhe para além das intenções do professor e daquilo que a escola pensa ser sua função.

De um lado, para a escola, as atividades em seu interior devem se voltar para a educação e disciplinarização dos corpos (GALLO, 2008). O "bom comportamento" significa alunos educados, obedientes e ordeiros. Tal comportamento permite que a escola tenha controle sobre os mesmos, fazendo com que eles, os alunos, façam somente aquilo que lhes é mandado, os quais obedecem sem reclamos e com eficiência.

Por outro lado, o professor, no caso o de geografia, ao aceitar a atividade com fotografias, visava atender os objetivos de estimular os alunos a pensarem, por meio do registro de imagens, outras perspectivas para o sentido de ordem espacial do território que vivem. Exercitar outros pensamentos e sensações espaciais pressupõe criatividade, a qual rompe e rasura com a idealização de alunos quietos, obedientes e passivos.

Nesse aspecto, os objetivos da escola (não criatividade, obediência passiva e reprodução de verdades já estabelecidas) se choca com os do trabalho de ensino do professor (criatividade, mobilidade em aberto, produção de novos pensamentos e sensibilidades). Foi exatamente essas diferenças de objetivos que os alunos vivenciaram quando do exercício dessa atividade ao registrarem fotograficamente um momento de vivência no interior da escola.

A escola estava passando por reformas, as quais visavam a renovação da estrutura física do prédio (encanamento, acessibilidade, pintura, iluminação etc.), daí o registro de várias imagens de aparente caos em vários ambientes. Como os alunos tinham que registrar aspectos que os afetavam do espaço urbano, eles optaram em registrar os livros da biblioteca jogados no chão (imagem I), pelo fato de identificarem a escola como um território em que passavam boa parte de suas vivências na cidade de Presidente Prudente.

Quando a administração escolar soube que a atividade de fotografias estava se desdobrando no registro dos problemas no território da escola, sendo que os alunos escolheriam as imagens que achassem mais interessantes para fazer uma exposição ao público em geral, instaurou-se uma situação conflituosa de culpabilidade aos responsáveis pela atividade, assim como de intimidação dos alunos que fizeram tal registro. Nesse momento, os ânimos se exaltaram, de um lado e do outro.

O registro de um aspecto da realidade do fenômeno "reforma do prédio escolar" acabou por tensionar tudo aquilo que estava de fora do registrado na fotografia, mas que se articulava com o ali fixado em imagens. Os reais interesses e objetivos escolares foram obrigados a virem a público, de maneira a intimidar e reprimir os processos que visam exercitar habilidades criativas, de produção de pensamento e de participação coletiva dos processos educacionais.

O que a escola queria, em nome de uma imagem de eficiência, ordem e controle, era eliminar qualquer rasura que viesse a prejudicar sua função social, portanto, não poderia permitir que os alunos exercitassem o pensamento crítico, que politizassem a questão da reforma escolar, que questionassem o como a escola dava mais valor aos aspectos visuais (a boa aparência do prédio) do que educacionais (o fato dos livros estarem jogados no pátio da escola).

Aqui não importa se os alunos, ao registrarem os livros no chão, tinham essa intenção de crítica, mas que a reação da administração escolar, ao ver aquelas fotografias, a forma como buscou reprimir e forçar a retirada das mesmas, é que instaurou a postura dos alunos em resistirem ao autoritarismo. Aí os alunos passaram a tomar consciência do processo de politização do poder daquelas fotografias, o que reverberou no exercício de habilidades de atitudes e procedimentos que engendraram posturas de solidariedade, de defesa de seus objetivos e intenções, assim como lutar pela efetivação da atividade.

As fotografias dos livros permitiram não apenas um registro documental de um fato, mas instauraram o devir de outras possibilidades, de atualizar situações que estavam de fora do registro fotográfico, permitindo a realidade acontecer com outros sentidos espaciais. O espaço físico e fixo da ordem escolar acabou rasurado e forçado a se tensionar, conflitar, se diferenciar por outras linhas e territórios. Nesse instante, a título da foto foi escolhido, reverberando em críticas ao papel de ensino como não ser a prioridade do território escolar, ou seja: o "sem sentido" dos livros era a perda desse objetivo de compromisso com a educação no contexto escolar.

Após ameaças, conflitos e revoltas, a situação acabou mediada pelos responsáveis pela atividade de maneira que garantisse aos alunos a preservação de suas fotos, mas que

não incomodasse tanto a administração. A solução foi a que se encontra na imagem 2. A fotografia dos livros organizados em cima de mesas no pátio da escola expressa a tentativa de fixar em uma imagem o cuidado da escola com os meios e objetivos educacionais. Como as palavras de Shore (2014), aqui já citado, de pela fotografia tentar estabelecer um sentido de ordem em meio ao caos.

Logicamente que essa forma de solução do problema só foi possível graças a ação dos alunos em registrarem um momento do território escolar. Com a aparente volta a ordem visual, as coisas foram se acalmando, contudo, a realidade espacial já era outra. Os alunos eram outros, pois perceberam o quão importante foi o trabalho com essas imagens, mas que elas só tiveram tal pertinência pelo fato de não se restringirem ao registro fixo do fenômeno, mas de tudo que se desdobrou, de pensamentos e gestos que foram criados e experimentado a partir das várias reações provocadas pelas fotografias.

A segunda imagem apresenta um registro da ordem reestabelecida, mas o todo espacial, que está além da extensão territorial ali fixada naqueles livros sobre a mesa no pátio da escola, é um fora invisível, mas que é real, apesar de não ali visualizado.

> O invisível não é, porém, alguma coisa que esteja para além do que é visível. Mas é simplesmente aquilo que não conseguimos ver. Ou ainda: é aquilo que torna possível a visão [...] ela dá existência visível àquilo que a visão profana acredita invisível (PEIXOTO, 1996, p. 15).

O que temos, portanto, na segunda fotografia, é o invisível que se atualiza em visibilidade a partir do que, na foto, aparentemente está de fora (GALLO, 2008). Ela aponta para a dinâmica espacial daquele local (escola) enquanto lugar de vida dos alunos, professores, funcionários, administradores e pais. Todo esse fora, que se envolveu nas tensões e conflitos a partir das primeiras fotos, perduram na segunda, instaurando um grau de consciência, de dinâmica territorial que só a fotografia, com os relatos e vivências a elas inerentemente articuladas, permite instaurar.

Os alunos, e todos os demais envolvidos, produziram um novo território escolar, rasurando o já estabelecido e fixado, permitindo criarmos novos pensamentos sobre o sentido dessa geografia cotidiana (FERRAZ, NUNES, 2012) que, por mais que a escola tente negar e reprimir, ela acontece pela força contingencial dos acontecimentos, dos encontros, da vida.

PALAVRAS CONCLUSIVAS, MAS NÃO DEFINITIVAS

A partir desse exemplo, podemos pontuar alguns aspectos sobre a questão da fotografia na sua relação com a linguagem geográfica. Primeiro, a necessidade de se trabalhar com fotografias na escola é fundamental, pois o que as imagens fotográficas podem instaurar está além do planejado e objetivado, tanto por aquilo que a escola almeja, quanto pelo que os professores intencionam. Analisar e aprofundar os sentidos geográficos no trabalho com fotografia permite abrir novas perspectivas e pensamentos espaciais, ou seja, efetivamente criar conhecimento no interior da escola, ao invés de se ficar apenas reproduzindo o já estabelecido como verdade fixa e acabada.

Para tal, o trabalho com a fotografia deve ser no sentido de não restringi-la a ser uma ilustração de conteúdos já eleitos como geográficos, o que significa tornar a fotografia "sensata" e de utilidade, ou seja, de reforçar concepções e posturas moralizantes, disciplinadoras e corretas, de apresentar a verdade inquestionável dos fatos.

> A sociedade procura tornar a Fotografia sensata, temperar a loucura que ameaça constantemente explodir no rosto de quem olha [...] tornar a Fotografia sensata é generalizá-la, gregarizá-la, banalizá-la, a ponto de não haver mais diante dela nenhuma outra imagem (BARTHES, 1984, p. 173).

Diante dessa tentativa de controlar a força da fotografia, a qual apresenta em sua potência artística a capacidade de atualizar a loucura de nossa sociedade, o caos da vida, Barthes nos instiga com um questionamento: o que queremos com a fotografia?

> Louca ou sensata? A fotografia pode ser uma ou outra [...]. Essas são as duas vias da Fotografia. Cabe a mim escolher, submeter seu espetáculo ao código civilizado das ilusões perfeitas ou afrontar nela o despertar da intratável realidade (BARTHES, 1984, p. 175).

O desafio que se coloca, a partir de tudo que aqui foi apresentado, é fazermos das palavras de Vilém Flusser (2002), no seu estudo sobre uma filosofia da fotografia, derivas para nossas preocupações entre a linguagem geográfica e a linguagem fotográfica no trabalho em sala de aula.

> Urge uma filosofia da fotografia para que a práxis fotográfica seja conscientizada. A conscientização de tal práxis é necessária porque, sem ela, jamais captaremos as aberturas para a liberdade na vida [...]. Em outros termos: a filosofia da fotografia é necessária porque é reflexão sobre as possibilidades de se viver livremente num mundo programado por aparelhos. Reflexão sobre o significado que o homem pode dar à vida, onde tudo é acaso estúpido (FLUSSER, 2002, p. 76).

Uma filosofia da fotografia nessa perspectiva é necessária, para nós geógrafos, por instigar novos pensamentos quanto ao caos espacial da vida, por possibilitar pensarmos um pouco sobre o está de fora, todo o aparentemente invisível, ou que nossa sociedade idealiza não querer ver, mas que faz parte da loucura em que vivemos.

Como no caso de nosso exemplo das fotografias tiradas pelos alunos, a escola, enquanto estrutura estatal, como instituição que materializa a ordem territorial dominante, não queria ver o caos ali acontecendo e tentou, de todas as maneiras, eliminar a visibilidade desse fato, mas foi esse desdobrar do invisível, que se territorializou por meio das ações administrativas, a força que permitiu aos alunos identificarem a potência da imagem no processo de articulação por novos territorialidades, tomando consciência da força da imagem em redefinir novos territórios de luta e de afirmação da vida, tornando visível o invisível, atualizando este fora em imagens e vivências (FERRAZ, NUNES, 2012).

Pensar uma geografia que, ao invés de se ater a reprodução dessa visibilidade sensata, pura ilusão de uma territorialidade fundada na competição e destruição da vida, possamos buscar, pela força estética da imagem fotográfica, refletir melhor "sobre o significado que o

homem pode dar à vida", como está presente na citação acima de Flusser (2002), para assim, quem sabe, tentarmos dar sentido e perspectivas mais libertadoras e afirmativas do viver.

Uma geografia assim exercitada, capacita-nos, de maneira contingencial, a identificar outras possibilidades da dinâmica espacial dos fenômenos, instigando-nos à conscientização da necessidade de nos libertarmos das prisões das verdades e das ilusões do viver. Como o exemplo das fotografias tiradas pelos alunos aqui permite-nos apontar. Tomar consciência da lógica espacial em sua multiplicidade e diferenciação, mais do que reproduzir uma verdade já fixada sobre o espaço.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARRUDA, Rinaldo S. V. **Vida urbana, fotografia e antropologia**. In: Revista Ponto e Vírgula, n.7, p 187-191, 2010. revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/.../10305 Acessado em 13/07/2015 .

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COSTA, Cléia. **A linguagem fotográfica e as geografias do aluno: possibilidades para a Geografia.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) - Universidade Federal da Grande Dourados. Orientador: Flaviana Gasparotti Nunes. 2014.

DONDIS, Donis A. **A síntese da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FABRIS, Annateresa. **Discutindo a imagem fotográfica.** In: I Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina, Pr. UEL, 14-16 de maio de 2007. www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosda**imagem**/article/.../19252 Acessado em 13/07/2015.

FERRAZ, Cláudio Benito O. A Geografia da educação na sociedade do conhecimento: sombras do desconhecimento. In: NUNES, Flaviana G. (orga.). **Ensino de Geografia – novos olhares e práticas**. Dourados (MS): Editora UFGD, 2011, p. 157-198.

FERRAZ. Cláudio Benito O., NUNES, Flaviana G. (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação** - intenções, dispersões e articulações. Dourados (MS): Editora UFGD, 2012.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta** – ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

MARQUES, Ivânia. Desvelando a cidade. In: FERRAZ. Cláudio Benito O., NUNES, Flaviana G. (orgs.). **Imagens, Geografias e Educação** - intenções, dispersões e articulações. Dourados (MS): Editora UFGD, 2012, p. 153-168.

PEIXOTO, Nelson B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora SENAC; Marca D'Água, 1996.

PICADO, Benjamim. **Olhar testemunhal e representação da ação na fotografia**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2005. www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/41/41 Acessado em 12/07/2015.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** (Material de apoio ao mini-curso ministrado no VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia "Fala Professor"). Uberlândia (MG): Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2007.

SHORE, Stephen. **A natureza das fotografias** – uma introdução. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.